

A expectativa dos países é que os entraves sejam superados

Manifestações das autoridades dos dois blocos conduzem a um cenário de entendimentos

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, afirmou não esperar acordo entre UE e Mercosul no curto prazo. “Não há essa possibilidade. Nenhum acordo, principalmente entre blocos, se faz com rapidez”, disse, ressaltando que, ainda assim, acredita em avanços nas negociações no âmbito da Cúpula UE-América Latina e Caribe, prevista para acontecer em 17 e 18 de maio em Madri, na Espanha.

Nem mesmo o aceno de boa vontade da UE, até junho sob o comando do governo espanhol, mostrou-se concreto o suficiente para o avanço das discussões. O ministro de Assuntos Exteriores da Espanha, Miguel Moratinos, já havia falado abertamente sobre a vontade política de que

fossem assinados termos claros, definitivos e irreversíveis de um tratado comercial entre os blocos. Questionado sobre a posição dos europeus, após a França ter endurecido nas exigências, Jorge foi ambíguo: “Nós não sabemos bem se eles que querem ou se nós é que queremos.”

Em janeiro passado, a posição do governo brasileiro era mais otimista em relação à retomada das conversas, que estavam paradas desde 2004. Na época, o secretário de Comércio Exterior, Welber Barral, disse ao **BRASIL ECONÔMICO** que a expectativa era de que a UE cedesse na questão da liberalização agrícola. “Nós acreditamos que, com o sucesso de um acordo abrangente, a participação da região nas exportações brasileiras pode crescer em pelo

O aceno de boa vontade da União Europeia, que até junho está sob o comando do governo espanhol, pode ajudar no avanço das discussões

menos 50%”. Isso significaria que as vendas ao bloco poderiam representar 30% do total embarcado pelo Brasil.

Ontem, o ministro Miguel Jorge declarou que os membros do Mercosul já fizeram suas concessões para a área industrial e aguardam as propostas para o setor agrícola. Mas negou-se a dizer em que setores e quais os limites para as reduções das barreiras tarifárias, alegando que a negociação, por enquanto, é fechada.

Problemas internos

Para José Augusto de Castro, vice-presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), o grande dilema para fechar um acordo como esse, muito desejável, é o próprio Mercosul, constituído de países

com tamanhos e dinâmicas econômicas diferentes. “Assim, o que é bom para um quase sempre não é bom para os demais”. O Brasil, exemplificou, por ter uma economia mais aberta e competitiva, pode fazer várias concessões. Porém, acaba aceitando fazer o mínimo aceito pelos seus parceiros.

Ao mesmo tempo o país é um ponto de atrito em relação à França, grande produtor agrícola da Europa, que enfrenta protestos de produtores. Já a Argentina segue com problemas internos que precisam ser administrados para que o Mercosul tenha êxito nas negociações.

Para Castro, a taxa de câmbio nos níveis atuais já é uma grande redução de barreiras para a entrada dos produtos industrializados europeus no bloco. ■